Nuvens de Cobalto

Histórias artificiais

O sábio não diz tudo o que pensa,
mas pensa tudo o que diz.

— Aristóteles

Depois de tudo que vi, o que escrevi é palha.

— São Tomás de Aquino, 1273

CAPÍTULO I
A Boca da Terra

O pó vermelho entrava por tudo. Entrava pelas frestas das janelas, pela soleira da porta, pelas narinas dos homens enquanto dormiam. De manhã, a primeira coisa que Valto via ao acordar era a camada fina de poeira cor de ferrugem que cobria o tampo da mesa, o fogão, o rosto dos filhos. Ele passava o dedo na superfície e olhava para a polpa, como quem confere o tempo. Era assim fazia vinte anos. O pó era o calendário do lugar.

Arrocha ficava a trezentos quilômetros de qualquer cidade que merecesse o nome. A estrada que levava até lá era de cascalho nos primeiros oitenta quilômetros, depois virava uma trilha de barro ressecado que abria fendas no verão e engolia rodas no inverno. Ninguém ia a Arrocha por engano. Quem estava lá era porque havia nascido lá, ou porque a mina havia chamado, que dava no mesmo.

Eram uns oitocentos habitantes, talvez novecentos se você contasse as crianças com generosidade. Casas de tijolo sem reboco, algumas de adobe ainda, alinhadas sem nenhum plano ao longo de três ruas que não tinham nome oficial mas que todos chamavam por apelidos: a Rua de Cima, a Rua do Meio e a Rua que Desce. A igreja ficava no cruzamento das três e por isso o padre Eustáquio gostava de dizer que Deus estava no centro de Arrocha. Ninguém discutia isso, mas ninguém parecia muito convicto.

A mina ficava a dois quilômetros do último barraco, encostada no morro que os mais velhos chamavam de Morro do Osso. Não se sabia de onde vinha o nome. Talvez de algum animal grande que tivesse morrido ali antes da memória viva. Talvez fosse o próprio morro, que tinha uma forma comprida e branca na crista, como uma vértebra exposta. A empresa havia chegado há vinte e três anos, fincado placas, feito reuniões com a câmara municipal do distrito vizinho, distribuído folhetos que ninguém sabia ler direito, e começado a furar a terra. Em seis meses a maioria dos homens de Arrocha trabalhava para ela.

Valto havia entrado na mina com vinte e quatro anos. Entrou porque o pai havia entrado, e o pai havia entrado porque não havia mais o que plantar naquelas

terras de argila dura. A mina pagava. Não pagava bem, mas pagava todo mês, e em Arrocha isso era uma forma de riqueza.

Ele era um homem de constituição larga, pescoço grosso, mãos que pareciam ter sido feitas para agarrar coisas pesadas e não as largar. O cabelo estava começando a rarear na coroa, o que o incomodava de um jeito que ele não comentava com ninguém. Tinha um corte velho no queixo, feito por uma lasca de rocha anos atrás, que havia cicatrizado torto e lhe dava um ar permanente de quem havia saído no outro dia de uma briga. Não era um homem de sorrir com facilidade. Não era um homem de falar sem necessidade.

Marlene, a mulher, dizia que conversar com Valto era como tentar acender fogo na chuva. Ela dizia isso sem raiva, com uma resignação que havia ficado mansa com os anos. Eles haviam se casado cedo, antes dos vinte os dois, porque era o que se fazia. Tinham três filhos: Deca, o mais velho, com dezesseis anos e já trabalhando na parte externa da mina; Jonas, onze, que ia à escola no distrito vizinho quando o ônibus não quebrava; e a Pequena, que todos chamavam de Pequena porque o nome de batismo, Rosária, não havia pegado em ninguém, e que tinha sete anos e olhos grandes e quietos que acompanhavam tudo sem comentar.

* * *

Naquela segunda-feira de março, Valto acordou antes do sol como sempre. O relógio na parede marcava quatro e quarenta. Ele se levantou sem fazer barulho, passou os pés nos chinelos de borracha, foi até a pia e abriu a torneira. A água saiu marrom por três segundos, depois clarificou. Ele lavou o rosto, passou a mão molhada no pescoço, olhou para o espelho pequeno que ficava pregado torto acima da pia. Ficou um momento assim, olhando para si mesmo com a expressão de quem olha para um objeto que não reconhece completamente.

Fez café. O fogão a gás fazia um estalo antes de pegar, e ele aguardava esse estalo com a paciência mecânica de quem sabe exatamente o tempo que as coisas levam. Enquanto o café esquentava, sentou na cadeira de madeira que rangia sempre do mesmo jeito e ouviu Arrocha acordar do lado de fora. O galo do Miro, três casas abaixo. Um cachorro que latia para nada. O vento que descia do Morro do Osso

antes do sol e tinha sempre essa qualidade de coisa fria que não deveria estar ali, num lugar quente.

Bebeu o café em pé, encostado na pia, olhando pela janela os primeiros fios de luz que riscavam o céu no leste. Depois pegou a larmeira, o capacete, a lanterna, e saiu.

* * *

A mina acordava junto com os homens. Às cinco e meia o portão de ferro já estava aberto e os turnos começavam a se organizar no pátio de terra batida em frente à entrada principal. Havia dois porteiros que faziam a chamada num caderno de capa preta, chamando os nomes em voz alta e marcando com uma caneta que sempre estava prestes a acabar. Valto respondia ao seu nome com um levantamento de queixo quase imperceptível e passava.

O interior da mina principal — eles a chamavam de Galeria Um, havia uma Galeria Dois menor e mais nova — descia em espiral por uns quarenta metros antes de abrir em câmaras laterais que se ramificavam como uma árvore invertida. As paredes eram de uma pedra azul-acinzentada que brilhava quando a lanterna tocava, um brilho úmido e fundo que parecia vir de dentro da rocha e não de fora.

O cheiro era de umidade, metal e algo mais difícil de nomear — algo orgânico e antigo, como terra que nunca havia visto sol. Nos primeiros anos, esse cheiro enjoava Valto. Depois passou a ser simplesmente o cheiro do trabalho, neutro como o cheiro da casa ou do próprio corpo.

Naquele dia ele estava na equipe de perfuração, com mais quatro homens. Cito, que era seu parceiro mais antigo, um sujeito magro de cinquenta e poucos anos que ria de tudo com um riso seco que não chegava aos olhos. Biu, jovem, vinte e dois anos, que havia entrado na mina há menos de um ano e ainda tinha o hábito de fazer perguntas que os outros há muito haviam parado de fazer. Sandro e Porco, que eram cunhados e trabalhavam sempre juntos e raramente dirigiam a palavra a alguém fora dessa pequena república de dois.

* * *

Foi durante a pausa do meio-dia, quando subiram e sentaram na borda do pátio para comer o que haviam trazido de casa, que Cito comentou sobre Nego Fubá.

— Soube que o Fubá foi ao posto hoje de manhã.

Valto comia um pedaço de pão com margarina. Não respondeu.

— Caiu ontem na saída. As pernas travaram, foi o que disseram. Ficou ali no chão uns minutos sem conseguir levantar.

— Bebeu — disse Sandro, sem levantar a cabeça da marmita.

— Não estava bêbado não. Era de tarde ainda. — Cito olhou para Valto. — Você trabalhou perto dele na semana passada, não foi?

— Trabalhei.

— Notou alguma coisa?

Valto mastigou, engoliu, pensou por um momento sem nenhuma pressa visível.

— Ele reclamou do braço.

— Que braço?

— O direito. Disse que estava pesado. Achei que era músculo.

Cito assentiu lentamente, como se essa informação confirmasse algo que ele ainda não havia articulado. Biu perguntou:

— Pesado como?

— Como estava pesado — respondeu Valto. — Não tem como mais.

* * *

Marlene soube antes de Valto chegar em casa. Em Arrocha as notícias viajavam por dentro das casas, pelas paredes, pelo vapor do feijão cozinhando. Quando ele entrou e pendurou a larmeira no gancho da porta, ela estava na cozinha com uma expressão que ele conhecia: a expressão de quem está segurando uma informação para ver se o outro traz primeiro.

— Soubeu do Fubá — ela disse, antes mesmo de ele sentar.

— Soube.

— A Conceição disse que ele não conseguia falar direito quando chegou ao posto. Que as palavras saíam embaralhadas.

Valto sentou. Tirou as botas com cuidado, porque o cadarço esquerdo estava já por um fio e ele precisava fazer render mais uma semana.

— Provavelmente vai melhorar — ele disse.

— A Conceição disse que não parecia que ia melhorar.

— A Conceição não é médica.

Marlene bateu a colher na panela com mais força do que precisava. A Pequena, que estava sentada no canto com um caderno de desenho no colo, levantou os olhos, avaliou a temperatura da cozinha e voltou ao caderno.

— Você não acha estranho? — perguntou Marlene.

— Acho que um homem adoeceu.

— Depois do Setembrino no mês passado. Depois do tremor do Cito.

— O Cito teve um tremor na mão. Acontece.

— Acontece com mineiros de vinte anos de mina. O Cito tem cinco.

Valto não respondeu. Pegou o copo d'água que ela havia deixado na mesa, bebeu tudo de uma vez, colocou o copo de volta com cuidado. Do lado de fora, Jonas chegou correndo, empurrou a porta e entrou ofegante.

— Pai, você soube? O pessoal tá falando que tem coisa na mina.

— Que coisa.

— Não sei. Coisa. O Reinaldo disse que o filho dele viu uma luz lá dentro, no corredor fundo.

— O filho do Reinaldo tem doze anos e não entra na mina.

Jonas abriu a boca, fechou. Depois disse:

— Mas o pessoal tá falando.

— O pessoal fala — disse Valto.

E foi isso. Ele levantou, foi até o banheiro lavar as mãos antes do jantar, e o assunto não foi retomado naquela noite. Mas Marlene ficou olhando para o lugar onde ele havia estado sentado por um segundo a mais do que o necessário.

* * *

À noite, depois que os filhos dormiram, Valto saiu para sentar na soleira da porta dos fundos. Era um hábito antigo. Ele ficava ali uns vinte minutos, sem nada

nas mãos, olhando para o Morro do Osso que se recortava escuro contra o céu cheio de estrelas.

O Morro do Osso estava quieto. Estava sempre quieto à noite. Mas havia algo no modo como ele se projetava contra o céu naquela noite que o fazia parecer ligeiramente diferente. Mais alto, ou mais próximo, ou simplesmente mais presente, como um animal grande que está parado mas que você sabe que não está dormindo.

Valto ficou olhando por um bom tempo.

Depois entrou, fechou a porta, e foi dormir.

Ele não sabia — não havia como saber — que Nego Fubá não voltaria a andar direito. Que o tremor de Cito voltaria três vezes nas próximas duas semanas, cada vez mais forte. Que o filho do Reinaldo havia visto alguma coisa no corredor externo que o faria recusar-se a passar perto do portão de ferro por vários meses. Que a luz que o menino havia descrito para o pai, e que o pai havia descrito para os vizinhos com um acréscimo natural de detalhes, já havia começado sua vida própria, separada de qualquer coisa que pudesse ter ocorrido de fato.

Valto não sabia nada disso. Dormiu com o sono pesado dos homens que trabalham com o corpo.

O pó vermelho continuava entrando por tudo.

CAPÍTULO II
O Que Sobe de Lá

——

O primeiro sinal que ninguém soube interpretar foi o cheiro.

Não o cheiro de sempre — esse eles conheciam como conheciam o cheiro dos próprios filhos, metal e umidade e aquela coisa orgânica e funda que não tinha nome mas que o corpo reconhecia antes da mente. Era outro cheiro. Chegou numa terça-feira de madrugada, antes do primeiro turno, quando o céu ainda estava daquele roxo escuro que não é noite nem manhã mas um intervalo sem nome entre os dois, e os homens que estavam no pátio esperando a chamada pararam quase ao mesmo tempo, como animais que farejam algo no vento que os olhos ainda não viram.

Era adocicado. Doce demais para aquele lugar, doce de um jeito que não combinava com nenhuma doçura conhecida — não era fruta, não era madeira queimada, não era nada que qualquer um deles pudesse apontar e dizer isto. Era doce como algo que apodrece por dentro antes de mostrar por fora.

Cito virou o rosto para o portão da mina, depois virou para Valto, e havia naquele gesto involuntário toda a pergunta que nenhum dos dois fez.

Valto respirou o cheiro uma vez, depois outra. Ficou quieto.

— Que é isso — disse Biu, e não era bem uma pergunta, era o tipo de frase que o susto produz antes que o cérebro organize as palavras direito.

Ninguém respondeu. O porteiro de plantão chamou o próximo nome como se nada houvesse, porque era o que ele sabia fazer e porque fazer o que se sabe é uma forma de não deixar o medo encontrar espaço.

O cheiro durou uns vinte minutos e foi embora tão sem explicação quanto havia chegado.

Valto desceu para a Galeria Um e trabalhou o turno inteiro sem comentar. No intervalo do meio-dia, Cito disse baixinho:

— Nunca senti isso antes.

— Nem eu — disse Valto.

— O que você acha que é.

Valto pegou o pão, deu uma mordida, mastigou com vagar. Olhou para o morro. Olhou para os próprios pés.

— Não sei — disse.

E Cito, que havia esperado mais do que isso, ficou olhando para o perfil fechado de Valto com uma expressão que era quase decepção, como quem pede âncora e recebe silêncio. Mas o silêncio era tudo que Valto tinha, e tinha porque era honesto, e ser honesto naquele lugar naquele momento era a coisa mais pesada que existia para carregar.

* * *

Nego Fubá não voltou à mina.

A notícia chegou fragmentada, como chegam as notícias em lugares onde não há jornal nem rádio funcionando direito — chegou em pedaços trazidos por mulheres na fila do mercado, por crianças que repetem o que ouvem sem saber o peso do que repetem, por homens que falam de lado, sem olhar nos olhos, porque olhar nos olhos ao dizer certas coisas é confirmar que elas são reais.

O que se sabia: Nego Fubá havia acordado na quinta-feira seguinte ao episódio no pátio e não havia conseguido fechar a mão direita. Não era dor — ele dizia que não era dor, e os que estiveram lá disseram que havia algo pior do que dor no rosto dele quando dizia isso, havia uma espécie de espanto limpo, o espanto de quem descobre que uma parte de si mesmo foi embora durante a noite sem avisar. A mão abria. A mão não fechava.

Valto foi visitá-lo numa tarde de sábado, sozinho, sem avisar. Encontrou-o na varanda — um homem que havia sido largo como Valto mas que parecia ter diminuído, não no corpo mas em alguma coisa dentro do corpo.

Valto puxou uma cadeira e sentou. Ficaram um momento em silêncio, olhando os dois para o morro ao longe.

— Como tá — disse Valto.

— Tá — disse Fubá.

— A mão.

Fubá levantou a mão direita e olhou para ela com aquela expressão de espanto limpo. Depois baixou.

— Não fecha.

— Sim.

— Não dói.

— Eu sei.

— Isso é o pior — disse Fubá, e havia na voz dele uma rachadura pequena. — Se doesse eu sabia o que fazer. Mas não dói, Valto. Simplesmente não faz.

— O pessoal tá falando que é coisa da mina.

— O pessoal fala.

— Você não acha.

Valto ficou quieto por um momento que durou o suficiente para Fubá virar e olhar para ele.

— Não sei o que é — disse Valto. — Não sei se é da mina. Não sei se não é. Não sei o que te fez assim e não vou inventar o que não sei.

Fubá ficou olhando para ele. Depois disse, com algo que não era exatamente alívio mas estava nas proximidades:

— Você é o único que fala isso.

— Os outros falam o quê.

— Os outros falam muita coisa — disse Fubá. E não disse mais nada.

* * *

Foi na segunda semana de abril que a Galeria Dois produziu o que os homens passaram a chamar, primeiro em voz baixa e depois em voz alta com um fervor que crescia na proporção inversa à explicação disponível, de a visão.

Quem viu primeiro foi Biu.

Biu estava no corredor fundo da Galeria Dois, sozinho por uns minutos porque Sandro havia subido buscar uma ferramenta esquecida no pátio e Porco havia ido junto porque Sandro e Porco iam juntos para tudo. Nesse intervalo Biu estava ali com a lanterna na parede de pedra azul-acinzentada fazendo a marcação que o supervisor havia pedido, e foi quando a lanterna — uma lanterna nova, de LED — piscou duas vezes e apagou.

O escuro da mina é um escuro diferente de qualquer outro escuro. É um escuro com peso, com textura, um escuro que encosta no rosto e nas mãos como uma coisa física. Biu tinha menos de um ano de mina e ainda não havia desenvolvido a tolerância que o tempo instala.

Ele bateu na lanterna. Bateu de novo. Ficou parado no escuro completo com a respiração curta e os olhos abertos de um jeito inútil.

Foi então que a luz apareceu.

Não era a lanterna. Era uma luz diferente, azul, muito mais azul do que o brilho comum da pedra, azul de um azul que Biu não havia visto em nenhum outro lugar e que depois, quando tentou descrever, disse que era azul como o centro de uma chama mas frio, como se o fogo tivesse aprendido a existir sem calor. Vinha de um ponto na parede à sua frente, uns dois metros acima do chão.

Durou talvez dez segundos.

Quando Sandro e Porco voltaram, encontraram Biu encostado na parede oposta, a lanterna no chão, os olhos fixos no ponto onde a luz havia estado.

— Que foi — disse Sandro.

Biu apontou para a parede.

— Tinha uma luz ali.

Sandro olhou para a parede. Não havia nada.

— Sua lanterna apagou e você viu fantasma — disse Porco, e riu do próprio comentário com um riso curto que era defesa, o tipo de riso que serve para manter as coisas no lugar onde é possível lidar com elas.

Mas Biu não estava com expressão de quem viu fantasma. Estava com expressão de quem viu alguma coisa real que não tem nome ainda.

A história chegou ao pátio antes do fim do turno, modificada como chegam todas as histórias que passam por muitas bocas em pouco tempo — a luz havia crescido, havia pulsado, havia assumido uma forma que Biu originalmente não havia mencionado porque originalmente não havia forma nenhuma.

Valto ouviu a versão de Cito na saída.

— O Biu viu uma luz na Dois — disse Cito.

— Ouvi.

— O que você acha.

Valto ajeitou a larmeira no ombro.

— A lanterna apagou e ele ficou no escuro — disse Valto. — No escuro a cabeça faz coisas.

— E se não foi a cabeça.

— Então foi outra coisa que eu não sei o que é — disse Valto. — Do mesmo jeito que não sei o que é se foi a cabeça.

Cito ficou olhando para ele.

— Você não sente nada, Valto. Não é humano isso.

— Sinto — disse Valto. — Sinto que não sei. Isso eu sinto muito bem.

E foi embora pela estrada de cascalho que levava de volta às três ruas de Arrocha, com o passo de sempre, o pó vermelho subindo em torno dos tornozelos a cada passada como uma coisa que assombra sem saber que assombra.

* * *

Naquela noite, e nas noites que se seguiram, Arrocha começou a falar.

Falava nas varandas, falava nos bares, falava entre mulheres que estendiam roupa e entre homens que consertavam cercas e entre crianças que repetem o que ouvem com a eficiência brutal de quem ainda não aprendeu a filtrar.

A fala tinha a qualidade das falas que crescem no vácuo das explicações: crescia lateralmente, se ramificava, produzia versões que contradiziam as versões anteriores sem que ninguém cancelasse nenhuma das duas porque todas eram necessárias para a arquitetura do medo que estava sendo construída ali, tijolo por tijolo.

Setembrino disse numa roda no bar do Leandro que havia sonhado com a mina antes de adoecer — com uma figura dentro da mina, no corredor fundo, uma figura que não tinha rosto mas tinha peso.

— E você foi trabalhar do mesmo jeito — disse alguém.

— Fui. Sonho é sonho.

— E aí você adoeceu.

Setembrino olhou para as marcas no braço. Não disse mais nada. A lógica dessa sequência não era lógica de nenhum tipo que resistisse a qualquer exame, mas tinha a coerência emocional das coisas que o medo organiza.

Valto estava no bar do Leandro naquela noite, num canto, com um copo de cerveja que havia bebido devagar. Ouviu tudo. Não disse nada.

O velho Tertúlio, que tinha setenta e tantos anos, disse da cadeira onde ficava toda noite como se fosse um cargo oficial:

— Sempre soubemos que o morro tinha coisa. Antes da empresa chegar, os mais velhos não subiam lá. Não subiam porque sabiam.

— Que sabiam — perguntou Biu.

— Sabiam o que se sabe sem precisar de nome — disse Tertúlio. — Que tem lugares que não são pra ser mexidos.

O silêncio que se seguiu tinha a qualidade de um silêncio que as pessoas guardam porque o que foi dito as tocou num lugar que preferem não examinar de perto.

Valto terminou a cerveja.

— Tertúlio — disse.

O velho olhou para ele.

— Os mais velhos não subiam porque o caminho era ruim e o morro não tinha nada que valesse subir. Não porque sabiam de coisa nenhuma.

O velho abriu a boca. Fechou.

— Você não estava lá — disse finalmente.

— Não estava — concordou Valto. — Por isso não sei. Você estava. Por isso você sabe o que você viu. Mas o que você viu e o que você acha que viu podem não ser a mesma coisa.

Ninguém disse nada por um momento. Depois alguém mudou de assunto e a noite seguiu, mas Valto havia deixado um silêncio no centro da roda que ficou ali mesmo depois das palavras voltarem, como uma pedra no meio de uma correnteza que a água desvia mas não remove.

* * *

Na semana seguinte, dois homens adoeceram ao mesmo tempo.

Geraldo e Toinho, que trabalhavam na Galeria Um, chegaram ao fim do turno de quinta-feira com dores de cabeça que descreveram como uma pressão atrás dos olhos. Na sexta de manhã os dois acordaram com vômitos. No sábado Geraldo tinha manchas — pequenas, vermelhas, distribuídas pelo pescoço e pelo peito — e Toinho não conseguia focar os olhos em nada por mais de alguns segundos sem que tudo oscilasse.

Marlene ouviu na porta e depois foi contar para Valto, que estava no quintal consertando um cabo de enxada que havia rachado.

— A Durvalina disse que é a mina — disse Marlene.

— Pode ser — disse Valto, sem levantar os olhos da enxada.

Marlene ficou parada. Esperou.

— Pode ser que seja — disse ele. — Não sei.

— Mas dois homens de uma vez, Valto.

— Dois homens de uma vez é mais do que um. Ainda não sei o que é.

— E se é perigoso.

Valto parou. Olhou para Marlene com aquela atenção direta que ele reservava para as perguntas que mereciam atenção direta.

— Se é perigoso eu paro de entrar — disse.

— E como você vai saber se é perigoso se você não sabe o que é.

Era uma pergunta boa. Era provavelmente a melhor pergunta que havia sido feita em Arrocha naqueles dias. Valto ficou olhando para Marlene por um momento com algo que nele se aproximava mais do que qualquer outra coisa do orgulho.

— Quando eu sentir que o corpo tá me avisando — disse. — O corpo avisa antes da explicação.

Marlene ficou quieta. Depois entrou. Depois voltou à porta e disse, com voz de quem diz a última coisa antes de desistir de um argumento:

— Todo mundo tem uma explicação menos você.

— Todo mundo tem uma história — disse Valto. — Explicação é outra coisa.

* * *

Naquela noite Valto sentou de novo na soleira dos fundos. O Morro do Osso estava lá, escuro e imóvel contra o céu de abril que tinha mais estrelas do que o de março.

Ele ficou pensando — não com as palavras que um homem de estudo usaria para pensar, não com conceitos e estruturas, mas com o pensamento mais antigo que existe, o pensamento que o corpo faz quando está quieto o suficiente. Pensou nos homens doentes. Pensou no cheiro. Pensou na luz que Biu havia visto, ou que

havia imaginado, ou que havia algo entre ver e imaginar que ainda não tinha nome. Só Deus sabia. E isso não era derrota. Era só a verdade do lugar onde estavam.

A Pequena apareceu na porta atrás dele sem fazer barulho. Ficou parada com o pé na soleira, segurando a beira da camisola, olhando para o morro.

— Pai.

— Que foi.

— O morro tem luz.

Valto virou devagar e olhou para onde ela apontava. No flanco do Morro do Osso, a uns duzentos metros acima da entrada da mina, havia um brilho fraco e azulado que pulsava devagar, devagar, como a respiração de uma coisa muito grande que estava dormindo mas não completamente.

Valto olhou por um longo tempo.

Depois disse:

— Entra, Pequena.

— O que é, pai.

— Não sei — disse ele. — Entra.

E ficou ali sentado, sozinho, olhando para a luz que pulsava no flanco do morro com uma regularidade que não era humana e não era animal e não era nada que ele pudesse nomear com honestidade, e não nomeou, e o silêncio que ficou no lugar do nome era pesado como a pedra e limpo como o silêncio das coisas que simplesmente existem sem pedir licença para existir.

O pó vermelho cobria tudo.

A boca da terra respirava.

CAPÍTULO III
Nomes para o Escuro

——

A van branca chegou numa quinta-feira de manhã cedo, antes do primeiro turno, quando a neblina ainda estava baixa e o Morro do Osso aparecia pela metade, a parte de cima sumida no branco espesso como se tivesse sido amputada durante a noite. A van tinha adesivos dos dois lados — letras vermelhas e douradas em fundo preto, MINISTÉRIO FOGO DO ESPÍRITO, e abaixo em letras menores, Onde há trevas, há batalha — e um sistema de som no teto que ainda estava desligado mas que pela sua presença física já anunciava que não ficaria desligado por muito tempo.

Arrocha não tinha hotel. Tinha a pensão da dona Fia, que eram dois quartos nos fundos da casa dela, e tinha o barracão que o sindicato havia construído anos atrás para reuniões que nunca aconteciam.

O Pastor Renato Fogo desceu da van, olhou para Arrocha com os dois punhos na cintura e a expressão de quem acabou de avistar um território, e disse para o motorista, um rapaz jovem que atendia pelo nome de Josué e que tinha o olhar permanentemente iluminado de quem acredita em tudo que o patrão diz:

— Aqui é o lugar.

Josué assentiu com a solenidade de quem confirma uma profecia.

O Pastor Renato Fogo tinha uns cinquenta anos mal carregados, o cabelo tingido de um preto que não enganava ninguém, um paletó branco sobre uma camisa aberta no colarinho, e uma barriga que avançava sobre o cinto com a desenvoltura de coisa que há muito havia deixado de ser contida. Tinha os dentes muito brancos — brancos de um branco que também não era natural mas que funcionava, porque a boca grande e os dentes brancos produziam um sorriso que chegava antes do homem e ficava depois que o homem ia embora.

Ele caminhou até o centro de Arrocha, que era o cruzamento das três ruas em frente à igreja, e ficou ali parado olhando em volta com aquela postura de quem está avaliando um imóvel.

— Bom dia — disse o Pastor Renato Fogo, para ninguém em particular e para todo mundo ao mesmo tempo.

— Vim porque Deus mandou — disse ele. — Vim porque o que está acontecendo nesse lugar não é de origem natural e precisa de intervenção espiritual qualificada.

Qualificada era a palavra que ele havia aprendido a usar nos últimos anos, porque qualificada soava como credencial sem precisar apresentar nenhuma.

* * *

O padre Eustáquio soube da chegada do pastor antes do meio-dia e foi ao cruzamento com a urgência disfarçada de quem finge que está apenas passando. Era um homem de sessenta anos, magro, com óculos de armação fina que vivia escorregando no nariz. Havia chegado a Arrocha dezesseis anos antes, vindo de um seminário no sul, e havia ficado porque a diocese não havia mandado substituto.

Sua fé era do tipo que funciona bem em ritual e mal em crise. Em crise — e Arrocha estava em crise — ela rangia como madeira velha sob peso excessivo.

Ele e o Pastor Renato Fogo se cumprimentaram no cruzamento com a cordialidade específica de dois homens que representam interesses concorrentes.

— O senhor veio de onde — perguntou o padre.

— De onde Deus precisou que eu viesse — disse o pastor. — E o senhor é o responsável espiritual da comunidade.

— Sou o pároco — disse o padre Eustáquio.

— E o senhor tem dado conta.

Era uma afirmação construída como pergunta, o tipo de frase que coloca o outro na defensiva sem poder apontar exatamente onde foi atacado.

— A comunidade está bem assistida — disse.

O Pastor Renato Fogo sorriu com todos os dentes brancos.

— Com certeza — disse. — Com certeza está.

* * *

O Professor Delmiro chegou dois dias depois, de ônibus, com uma mochila grande e dois casos de equipamento de alumínio. Tinha quarenta e três anos e um mestrado em física que havia ficado incompleto há doze anos por razões que ele descrevia de formas diferentes dependendo de quem perguntava. Nos últimos oito

anos havia se dedicado ao que ele chamava de fenomenologia de campo anômalo, que era uma forma de dizer que viajava para lugares onde coisas estranhas aconteciam e media coisas com equipamentos que bipavam.

Tinha um blog com quarenta mil seguidores, um canal no YouTube com o dobro, e uma conta em rede social onde postava fotos de seus equipamentos com legendas técnicas que seus seguidores compartilhavam com a convicção de quem compartilha verdade revelada.

Ele se instalou na pensão da dona Fia e na tarde do primeiro dia já estava no pátio da mina com o detector de campo eletromagnético na mão, um aparelho preto e amarelo do tamanho de um controle remoto grande que emitia um bip agudo e variável.

Valto o viu pela primeira vez na saída do turno de sexta.

— O que mede isso aí — disse.

O Professor Delmiro virou, viu Valto com a larmeira no ombro e o rosto coberto de poeira vermelha, e teve a expressão de quem acabou de encontrar uma fonte primária.

— Campo eletromagnético — disse. — E outras coisas. Anomalias de campo que ainda não têm classificação formal na literatura.

— E tá alto — disse Valto.

— Extraordinariamente alto. O que confirma—

— Confirma o quê.

O professor parou. Ninguém havia interrompido sua explanação antes de ele chegar à parte do que confirma.

— Confirma que há uma fonte de energia não identificada dentro ou sob essa formação rochosa que está produzindo efeitos mensuráveis no ambiente.

— E o que é essa fonte.

— Ainda estamos na fase de coleta de dados.

— Então não sabe.

— Temos hipóteses muito robustas—

— Hipótese não é saber — disse Valto. E continuou andando.

O Professor Delmiro ficou olhando para as costas largas de Valto se afastando com a expressão de quem foi desarmado por um argumento simples demais para ter sido treinado a rebater.

* * *

Kadu Paranhos chegou na semana seguinte com um carro alugado, uma câmera de ombro que custava mais do que a maioria das casas de Arrocha, e um assistente chamado Thiago que carregava tudo e falava pouco.

Kadu tinha vinte e oito anos, um podcast com duzentos mil ouvintes chamado Frequência Inexplicada, e uma qualidade específica que o distinguia de todos os outros forasteiros: ele não acreditava em nada. Não nos espíritos, não nas anomalias de campo, não nos aliens. Acreditava em audiência. Acreditava que a audiência queria acreditar em alguma coisa, e que essa vontade era um produto e ele era o produtor.

Era bonito de um jeito que ele sabia usar. Tinha uma forma de ouvir as pessoas que as fazia sentir que estavam sendo vistas com uma atenção que não estavam acostumadas a receber, o que as abria como flores que precisam de água, derramando tudo.

Ele instalou sua base no bar do Leandro e fazia o que ele chamava de entrevistas de campo — conversas onde deixava as pessoas falarem e às vezes fazia uma pergunta que empurrava o depoimento numa direção ligeiramente mais extraordinária do que estava indo.

* * *

Foi na segunda semana de abril que o acampamento começou.

Chegaram primeiro os curiosos. Depois os que tinham intenção de ficar — armaram barracas no campo aberto entre a última casa da Rua que Desce e o caminho que levava à mina.

Em uma semana havia cinquenta barracas. Em duas semanas havia o dobro. O acampamento havia desenvolvido, com a eficiência orgânica das comunidades que não foram planejadas mas que crescem porque crescer é mais fácil do que morrer, uma infraestrutura que em alguns aspectos era superior à de Arrocha propriamente dita.

Os acampados eram de tipos variados — ufologistas com equipamentos próprios, espirituais que acreditavam que o fenômeno era de origem dimensional,

apocalípticos que esperavam um sinal do fim, e curiosos documentais que seguiam Kadu com câmeras e notebooks.

Arrocha não havia pedido por nenhum deles.

* * *

O bar do Leandro triplicou o faturamento. O mercado da dona Zélia esgotou o estoque de arroz e feijão duas vezes em uma semana. Jonas, o filho do meio de Valto, havia começado a aparecer no acampamento depois da escola com a atração magnética específica dos onze anos diante do extraordinário.

Marlene havia dito a Valto duas vezes que achava perigoso. A conversa havia acontecido uma vez, e havia sido curta.

— Que você vai fazer lá — disse Valto.

— Ver — disse Jonas.

— Ver o quê.

Jonas pensou.

— Não sei. O pessoal. As tendas. Tem um cara que tem um telescópio enorme, pai.

— Telescópio é para o céu. Não precisa vir até aqui para usar telescópio.

* * *

O Pastor Renato Fogo havia encontrado seu espaço.

Havia instalado um sistema de som no cruzamento das três ruas e fazia cultos ao ar livre nas noites de terça, quinta e sábado que começavam às oito e terminavam quando ele decidia que tinham terminado, o que às vezes era meia-noite.

Sua tese sobre os fenômenos havia ficado estabelecida desde o primeiro culto e não havia mudado:

— O que está nesse morro — dizia ele, com a voz calibrada ao longo de décadas para atingir exatamente o ponto entre a conversa e o grito onde o emocional da plateia se rende — é de origem demoníaca. É a manifestação de uma potência das trevas que foi acordada pela ganância humana que furou a terra sem pedir licença ao Senhor.

Valto havia ido ao culto uma vez. Ficou na última fila, com os braços cruzados, ouvindo. Quando o pastor pediu contribuições para o ministério, Valto descruzou os braços, virou, e foi embora.

Na rua, o vento descia do Morro do Osso com aquele frio que não combinava com o lugar, e Valto andou devagar de volta para casa, e o que havia no seu rosto não era julgamento nem desprezo mas algo mais cansado, a expressão de quem viu o que esperava ver e não encontrou alegria nenhuma em ter esperado certo.

* * *

Kadu Paranhos apareceu no portão de Valto numa manhã, com a câmera no ombro e o assistente Thiago atrás.

— Seu Valto — chamou Kadu, com o sorriso que chegava antes.

Valto olhou de cima do telhado sem descer.

— Que foi.

— Posso conversar com o senhor dois minutos? Para o podcast.

— Ouviu errado então.

— Como assim.

— Não tenho nada para dizer ao seu podcast.

Kadu riu — era um riso bom, o riso de quem acha graça de verdade.

— Todo mundo tem alguma coisa a dizer, seu Valto.

— Tem gente que tem coisa a dizer e tem gente que não sabe ainda o que tem — disse Valto, voltando à telha que estava encaixando. — Eu sou do segundo tipo. Não serve para podcast.

— Mas o senhor trabalha na mina há vinte anos—

— O senhor não sabe o que eu vi ou não vi — disse Valto, sem rispidez, com a calma de quem corta o assunto como se corta um galho que está no caminho. — E eu não sei o que causou. Quando eu souber, talvez eu tenha algo para dizer. Enquanto não souber, não.

Kadu ficou parado no portão por um momento. Depois disse, com algo que era mais próximo da honestidade:

— O senhor sabe que a história mais interessante aqui é a do senhor.

Valto encaixou a telha no lugar, testou com a mão.

— Não tenho história. Tenho trabalho. Bom dia.

Kadu foi embora. Thiago, que havia ficado calado o tempo todo, olhou uma vez para Valto no telhado antes de virar, e havia nesse olhar algo difícil de nomear — o reconhecimento específico de quem passa o tempo todo ao lado de alguém que vende e de repente encontra algo que não está à venda.

* * *

Na última sexta de abril o fenômeno voltou.

Desta vez não foi só a luz no flanco do morro. Foi a luz e o cheiro — o cheiro adocicado e errado — e junto com eles um som que nenhum dos que ouviram conseguiu descrever. Era baixo, subsônico quase, sentido mais no peito do que no ouvido, um som que chegava pelos pés através do chão e subia pelo corpo como uma corrente fria.

O acampamento entrou em erupção.

Havia gritos — de alegria e de medo, que às vezes soam iguais. Havia pessoas correndo em direção ao morro e pessoas correndo em direção oposta. O Professor Delmiro estava no campo com dois aparelhos ao mesmo tempo. O Pastor Renato Fogo havia acordado e apareceu no cruzamento das três ruas em pijama e paletó por cima, sem os dentes brancos porque havia deixado a prótese no quarto, e gritava na direção do morro palavras de autoridade espiritual que sem os dentes saíam ligeiramente diferente do pretendido.

Valto estava em casa. Acordou com o som — sentiu-o nos pés. Ficou deitado por um momento, ouvindo com o corpo. Depois levantou, foi à janela, olhou para o morro.

A luz estava lá. Azul, pulsando com aquela regularidade que não era animal nem mecânica mas que era alguma coisa, alguma coisa que ele não sabia nomear e que portanto ficou sem nome dentro dele.

Marlene estava ao lado, abraçada nos próprios braços.

— Valto — disse ela.

— Estou vendo.

— O que é.

Ele ficou olhando por um longo tempo. Lá fora o acampamento fazia seu barulho de fim do mundo e começo de era nova. O Pastor Renato Fogo gritava. O Morro do Osso pulsava azul com a indiferença absoluta das coisas que existem sem precisar de plateia.

— Não sei — disse Valto.

Marlene encostou a cabeça no ombro dele. Era a primeira vez em semanas que ela fazia isso, e ele notou, e ficou quieto para não desfazer.

— Você nunca sabe — disse ela. Mas dessa vez não havia acusação na voz. Havia, estranhamente, algo próximo ao alívio.

— Não — disse ele. — Graças a Deus.

Ficaram os dois na janela até a luz sumir. Até Arrocha voltar ao silêncio de sempre.

E Valto ficou de pé na janela mais um tempo, sozinho agora, olhando para o escuro do morro com a paciência dos que não precisam de resposta esta noite porque amanhã o corpo precisa descer e trabalhar, e o que não se sabe hoje não se saberá mais por ficar acordado, e só Deus sabe, e isso era suficiente.

CAPÍTULO IV
Valto Não Diz

——

Havia uma nuvem.

Não havia sido nuvem desde o início — ou talvez houvesse e ninguém havia prestado atenção da forma certa, porque prestar atenção da forma certa exige um tipo de quietude que Arrocha havia perdido nas últimas semanas. Mas agora havia, e era impossível não ver.

A nuvem aparecia sobre o Morro do Osso.

Não sempre. Não em horário previsível. Não em resposta a nenhuma condição climática que o Professor Delmiro conseguisse correlacionar com suas leituras. Ela simplesmente estava ou não estava, e quando estava ficava suspensa sobre o pico do morro com uma imobilidade que contrariava o vento, porque havia sempre vento em Arrocha naquela época do ano, e esse vento movia tudo exceto a nuvem.

Era branca pela manhã. Ao entardecer ficava de um azul-acinzentado que espelhava o azul da pedra lá dentro, e essa correspondência de cor havia sido notada por tantas pessoas de tantas formas diferentes que havia gerado pelo menos quatro teorias distintas sobre o que significava.

Valto a viu pela primeira vez numa segunda-feira de manhã, indo para o trabalho.

Parou no caminho. Ficou olhando. A nuvem estava sobre o pico com aquela imobilidade errada, e o vento passava por ela sem movê-la, e havia qualquer coisa na cena que entrava pelo olho e descia até um lugar no corpo onde não havia palavras, só o reconhecimento mudo de que algo estava acontecendo que era maior do que qualquer explicação disponível.

Valto ficou parado talvez dois minutos. Depois continuou andando para a mina.

* * *

Mas a nuvem fazia coisas.

Isso era o que complicava. A primeira coisa que a nuvem fez foi o silêncio dos pássaros. Na manhã depois que a nuvem apareceu, os periquitos verdes que apareciam toda manhã na mangueira da praça não apareceram. Na manhã seguinte também não. Na terceira manhã a mangueira estava lá, o céu estava lá, o horário estava lá, e os periquitos não.

A segunda coisa foi o sonho.

Não o sonho de uma pessoa — o sonho de várias, ao mesmo tempo, na mesma noite, com elementos que se sobrepunham. Oito pessoas em Arrocha, mais uma quantidade não verificada no acampamento, acordaram na madrugada de quinta para sexta com a memória de um sonho que envolvia descida — descida para um lugar escuro que tinha o cheiro adocicado e errado que havia chegado naquela primeira terça-feira de março.

Marlene foi uma delas.

Acordou às três da manhã com a respiração curta, sentou na cama, ficou olhando para o escuro do quarto. Valto acordou com o movimento.

— Que foi.

Ela demorou para responder.

— Sonhei com a mina — disse.

Valto ficou deitado, olhando para o teto.

— Como era.

— Estava descendo. Mas não era a mina de verdade. Era mais funda. E tinha um cheiro.

Valto ficou quieto.

— Você conhece esse cheiro — disse Marlene. Não era pergunta.

— Conheço.

— O que é.

— Não sei — disse Valto. — Senti na mina. Senti aqui fora uma vez. Não sei o que é.

Marlene ficou sentada na cama por um longo tempo no escuro. Depois deitou de volta.

— Valto — disse ela, no escuro, muito baixinho.

— Hm.

— Você tem medo.

Ele ficou quieto o suficiente para que a pergunta pairasse inteira no ar do quarto.

— Tenho.

— De quê especificamente.

— De não saber o que estou com medo — disse ele. — Esse é o único medo que não passa com o tempo.

Marlene estendeu a mão no escuro e encontrou o braço dele e ficou com a mão ali, apenas pousada, como quem verifica que uma coisa ainda está no lugar onde deveria estar.

* * *

A hipótese da disfunção cognitiva chegou ao conhecimento de Arrocha por um caminho indireto e tortuoso.

Havia um neurologista de uma universidade federal que havia lido o blog do Professor Delmiro e o perfil do podcast do Kadu e havia chegado a uma conclusão diferente de ambos. Havia escrito sobre ela num artigo técnico publicado numa revista de medicina ocupacional que ninguém em Arrocha leria jamais.

O artigo dizia que a combinação de sintomas reportados pelos trabalhadores era consistente com neurotoxicidade por exposição prolongada a compostos de cobalto em ambientes de ventilação inadequada. Que alucinações visuais e auditivas, sonhos vívidos compartilhando elementos simbólicos, e alterações de percepção eram sintomas documentados de neurotoxicidade por cobalto em estágios de exposição moderada a severa. Que a luz azul reportada poderia ser uma alucinação coletiva facilitada por sugestão, ou poderia ter origem real numa reação química específica entre compostos da formação rochosa e a umidade do ar.

O artigo não dizia que sabia. O artigo dizia que havia hipóteses consistentes com os dados disponíveis e que uma investigação formal era necessária e urgente.

Kadu encontrou o artigo. Leu com atenção. Ficou um longo tempo olhando para a tela do notebook. O que Kadu pensava no escuro nunca seria completamente conhecido por ninguém, porque Kadu no escuro era diferente do Kadu com a câmera ligada. Mas havia no seu rosto quando acendeu a luz de volta alguma coisa que não era bem arrependimento mas estava na mesma vizinhança.

Na manhã seguinte ele mencionou o artigo no podcast. Brevemente. Depois passou para o depoimento de uma mulher do acampamento que havia capturado com o celular uma foto da nuvem onde havia, se você olhasse de um ângulo específico, o contorno de uma figura humana.

* * *

A reunião foi convocada pelo vereador Osmar para uma sexta-feira à noite, na escola municipal.

Havia talvez duzentas e cinquenta pessoas distribuídas pelas cadeiras, pelo corredor, pelas janelas abertas. O calor era o calor específico de muitos corpos num espaço fechado que não foi feito para tanto corpo.

O Pastor Renato Fogo estava na primeira fila com o paletó branco passado a ferro. O Professor Delmiro estava do outro lado do corredor com o tablet na mão. Kadu estava no fundo com a câmera ligada. Valto estava no meio, numa cadeira no corredor, com os braços cruzados e a expressão de sempre.

O vereador Osmar abriu a reunião com um discurso que durou sete minutos e não disse nada com precisão suficiente para ser citado ou refutado. O representante do sindicato, Hélio, tomou a palavra:

— Os trabalhadores da mina têm o direito de saber se o ambiente de trabalho oferece risco à saúde. Temos aqui documentação de que a empresa foi notificada três vezes nos últimos dois anos sobre deficiências no sistema de ventilação da Galeria Um e não tomou providências documentadas.

— Com todo respeito — disse o Pastor Renato Fogo da primeira fila, sem levantar nem pedir a palavra. — Com todo respeito, o que está acontecendo aqui não cabe em documento nenhum. Não é questão de ventilação. É questão espiritual.

O murmúrio que se seguiu tinha duas texturas distintas — concordância e indignação, misturadas.

A reunião foi se desintegrando da forma que as reuniões grandes se desintegram quando não há ordem suficiente para conter o que os presentes trouxeram. Uma mulher do acampamento — jovem, cabelo colorido, com uma calma que contrastava com tudo ao redor — falou sobre a nuvem como entidade consciente que havia se comunicado com ela numa experiência de meditação.

Descreveu a comunicação com uma especificidade de detalhe que silenciou a sala por um momento.

Ela disse que a nuvem havia transmitido não palavras mas sensações — sensação de profundidade, de algo muito antigo, de uma presença que não era hostil mas que também não era benevolente no sentido humano, que era simplesmente outra, de uma outra-coisa tão fundamental que qualificá-la como boa ou má era como qualificar o oceano de gentil ou cruel.

Quando ela terminou, houve um silêncio diferente dos outros silêncios daquela noite.

O vereador Osmar, talvez por esgotamento das outras vozes, disse:

— Valto. Você trabalha nessa mina há vinte anos. Que você tem a dizer.

Todas as cabeças viraram. A câmera de Kadu virou. O pastor virou. O professor virou.

Valto descruzou os braços. Pôs as mãos nos joelhos. Ficou assim por um momento.

— Não sei o que está acontecendo — disse. — Estou na mina faz vinte anos. Vi os companheiros adoecerem. Senti o cheiro. Vi a luz que o Biu viu, ou algo parecido. Vi a nuvem. Senti o som nos pés.

Pausa.

— Não sei o que é nenhuma dessas coisas.

Silêncio.

— O padre sabe? Não sabe. O pastor sabe? Não sabe, com todo respeito, porque ninguém tem acesso privilegiado ao que é isso. O professor sabe? Tem hipótese. Hipótese não é saber. O médico do artigo sabe? Tem outra hipótese. Também não é saber.

Virou levemente na cadeira.

— A moça do acampamento — disse, com respeito genuíno, sem ironia. — Sentiu alguma coisa, acredito que sentiu. Sei lá o que é o que ela sentiu.

Virou de volta.

— O que eu sei é que homens estão adoecendo. Isso é real e está acontecendo. O que causa, não sei. Que tem alguma coisa no morro que não entendo, não sei o que é. Mas é alguma coisa, porque está aí.

A sala estava quieta.

— E o que você propõe — disse o vereador.

— Propor não é minha função. O sindicato propõe investigação. Isso parece razoável. Enquanto não sabemos o que é, parar de entrar parece razoável. Mas o que causa — não vou dizer que sei porque não sei. E não vou inventar o que não sei para ficar mais confortável.

O Pastor Renato Fogo levantou com a desenvoltura de quem levanta para falar porque sentar ficou pequeno.

— Irmão Valto. Entendo sua posição. A humildade é uma virtude. Mas há um ponto em que a humildade se torna omissão. Quando a casa está pegando fogo, não dá pra ficar na dúvida se é fogo ou não é.

— Se a casa está pegando fogo eu vejo o fogo — disse Valto. — Aqui estou vendo fumaça. Pode ser fogo. Pode ser outra coisa que produz fumaça. Sem ver o fogo, não vou gritar incêndio.

— E se quando você ver o fogo for tarde.

— Pode ser — disse Valto. — Esse é o risco de não inventar o que não se sabe. Aceito esse risco. O risco contrário é gritar incêndio e a correria matar mais gente do que o fogo teria matado.

O pastor abriu a boca. Fechou. Era uma resposta que ele não havia recebido antes.

* * *

A reunião terminou sem resolução. As pessoas saíram em grupos que correspondiam aproximadamente às facções que haviam chegado. Valto saiu sozinho.

Kadu o alcançou na porta, câmera no ombro mas luz apagada.

— Posso andar um trecho com o senhor — disse Kadu.

Valto não respondeu mas não parou. Andaram pela Rua do Meio em silêncio.

— O artigo do médico — disse Kadu. — Eu acho que ele está certo.

— Por que me diz isso.

— Porque o senhor é o único aqui que vai ouvir isso como informação e não como ameaça.

— E o senhor acredita no que diz.

Kadu ficou quieto por um momento que foi honesto.

— Acho a hipótese mais razoável — disse.

— Mas não acredita de verdade.

— Não sou muito de acreditar de verdade em coisa nenhuma — disse Kadu.

— Eu sei — disse Valto. — Dá pra ver.

Chegaram ao portão da casa de Valto. Valto parou, olhou para Kadu uma vez com aquela atenção direta.

— Seu podcast — disse.

— Sim.

— Você tem duzentos mil pessoas te ouvindo. O que você vai contar pra elas.

Kadu ficou quieto. A câmera estava no ombro desligada.

— Ainda não sei — disse ele.

— Bom — disse Valto. E entrou.

* * *

Naquela noite Valto não foi para a soleira dos fundos. Foi direto para a cama, deitou, ficou olhando para o teto no escuro.

— Marlene — disse.

— Hm.

— Eu tive o sonho de novo hoje à tarde — disse ela. — Cochilei no sofá e tive. Era mais fundo dessa vez. Eu descia, e descia, e lá no fundo tinha uma luz. Não era azul. Era branca. E tinha o cheiro adocicado. E eu não estava com medo no sonho, Valto. Estava com uma calma que eu nunca sinto acordada. Como se o que estava lá embaixo não fosse me fazer mal. Como se fosse só existir. Muito diferente de mim, muito diferente de tudo que conheço, mas não mal.

Valto ficou no escuro com isso. Ficou muito tempo.

— Marlene — disse Valto.

— Hm.

— Reza comigo.

Ela ficou quieta por um momento. Depois:

— Tá com medo.

— Tô — disse ele. — Por isso.

Rezaram baixinho no escuro do quarto, os dois deitados de costas olhando para o teto que não se via, com as palavras que os dois sabiam desde crianças e que tinham o conforto específico das coisas que o corpo aprende antes da razão, palavras que não explicavam nada e não precisavam explicar nada.

Pai nosso que estais no céu.

E lá fora a nuvem ficou onde estava.

E o morro ficou quieto como sempre fica depois de dizer o que tem a dizer.

E o pó vermelho cobria tudo como sempre cobriu e cobrirá, paciente como a própria terra, que não tem pressa porque tem tempo de sobra, muito mais tempo do que qualquer coisa que vive sobre ela ou dentro dela ou que a fura em busca do que está guardado lá no fundo, no escuro, no silêncio que antecede todos os nomes.

CAPÍTULO V
A Empresa Manda Flores

——

O homem da empresa chegou num SUV preto sem logotipo.

Esse detalhe — a ausência de logotipo — era em si mesmo uma linguagem que Arrocha não tinha vocabulário para ler mas que o corpo registrava do mesmo jeito. Carros sem logotipo pertencem a pessoas que não precisam anunciar de onde vêm porque de onde vêm já é suficientemente conhecido por quem importa, e quem importa não é você.

O SUV parou no cruzamento das três ruas numa terça-feira de manhã de maio. Desceu um homem de cinquenta e poucos anos, terno cinza-claro, sem gravata, com o tipo de corte de cabelo que custa caro por parecer que não custou nada. Tinha uma pasta fina de couro que segurava com uma mão só, com a naturalidade de quem segura coisas leves mesmo quando são pesadas. Chamava-se Antônio Bresser — Dr. Antônio Bresser, conforme o cartão que distribuiria mais tarde.

Ele ficou um momento no cruzamento, olhou para a igreja, olhou para o Morro do Osso, olhou para a nuvem que estava lá como sempre estava agora. Ficou olhando para a nuvem com uma expressão que era a única expressão genuína que produziria em Arrocha — não admiração, não medo, mas o olhar do avaliador, o olhar de quem calcula enquanto parece contemplar.

Depois sorriu para ninguém em particular e foi apresentar-se ao vereador Osmar.

* * *

O Dr. Antônio Bresser passou os primeiros três dias em Arrocha fazendo o que fazia melhor, que era ouvir.

Ouviu o vereador Osmar por duas horas numa conversa que o vereador descreveria depois como a conversa mais adulta que havia tido sobre o futuro de Arrocha. Ouviu o representante do sindicato Hélio por uma hora, com uma atenção que Hélio não conseguiu classificar com certeza como falsa ou genuína. Ouviu o Pastor Renato Fogo por quarenta e cinco minutos e disse três frases, nenhuma das

quais era concordância ou discordância mas que o pastor interpretou como concordância. Ouviu o Professor Delmiro por uma hora e meia e fez perguntas técnicas que o professor interpretou como validação.

Jantou com Kadu Paranhos numa mesa nos fundos do bar do Leandro, os dois sozinhos, sem câmera. O que foi dito nesse jantar ninguém saberia porque nenhum dos dois falaria sobre ele de forma direta, mas Kadu na manhã seguinte havia mudado algo no tom do podcast de um modo que seus ouvintes mais atentos notaram.

* * *

No quarto dia o Dr. Bresser pediu uma reunião com os proprietários de terra da região.

A reunião aconteceu na sala do vereador Osmar, que era a única sala em Arrocha com ar-condicionado. Estavam presentes doze proprietários — as palavras proprietário e terra em Arrocha cobriam realidades que iam de fazendas de duzentos hectares a quintais de trezentos metros quadrados.

O Dr. Bresser apresentou sem apresentar. Era uma técnica que havia refinado em décadas — a arte de colocar uma proposta na sala antes de chamá-la pelo nome.

Falou sobre o depósito mineral, cuidadosamente, sem revelar o que os levantamentos geológicos que a empresa havia conduzido nos últimos seis meses, discretamente, por meio de consultores que haviam chegado a Arrocha sob outras descrições, haviam revelado sobre a extensão e a qualidade do cobalto e dos compostos associados que estavam sob o Morro do Osso.

Então falou sobre o parque.

A ideia, apresentada com a naturalidade de coisa que havia surgido organicamente mas que havia sido preparada com meses de antecedência por uma equipe de consultores, era a seguinte: a empresa desenvolveria na região um complexo que combinaria a extração mineral otimizada e tecnológica com uma experiência turística construída em torno do fenômeno da nuvem. Um centro de visitação. Trilhas. Observatórios. Espaços de meditação. Um hotel de categoria. Restaurantes. Um centro de pesquisa científica.

Seriam gerados empregos. Seriam gerados impostos. Seria gerado futuro.

— E as terras — disse Benedito, um dos proprietários mais velhos.

— A empresa faria a aquisição das propriedades necessárias — disse o Dr. Bresser. — Aquisição a valores de mercado corrigidos pelo potencial de valorização que o projeto representaria. Valores significativamente acima do que essas terras valem hoje.

— E quem não quiser vender — disse Ramiro, um proprietário mais jovem.

— Ninguém é obrigado — disse o Dr. Bresser. — O projeto é viável com as propriedades que podem ser adquiridas.

A reunião terminou com onze dos doze proprietários pedindo os documentos da proposta para analisar.

O décimo segundo era Valto, que havia ouvido a apresentação inteira sem dizer nada. Na hora em que os outros pediam os documentos, ele havia se levantado, cumprimentado o vereador com um aceno e o Dr. Bresser com um olhar direto, e havia saído.

* * *

O Dr. Bresser foi à casa de Valto na tarde do dia seguinte.

Veio a pé — detalhe calculado. Vestia calça e camisa sem paletó, manga dobrada até o cotovelo, as mãos livres.

Valto estava no quintal consertando a cerca que dividia sua propriedade do muro da igreja. Era uma cerca velha de madeira e arame.

— Posso entrar, seu Valto.

Valto não parou o que estava fazendo.

— Pode.

O doutor entrou, ficou a uns dois metros, olhou para o trabalho na cerca, olhou para o muro da igreja — a pedra velha coberta de musgo nas juntas, a argamassa original de cal que havia resistido ao tempo.

— Bonita a igreja — disse.

— É — disse Valto.

— Antiga.

— Noventa e poucos anos. Meu avô ajudou a construir.

O Dr. Bresser ficou olhando para o muro com uma expressão que tentava ser contemplativa mas que Valto, sem olhar, registrava como avaliação.

— Fui batizado ali — disse Valto, ainda sem olhar. — Fiz a primeira comunhão. Casei com a Marlene.

Silêncio.

— Compreendo — disse o Dr. Bresser.

— Não sei se compreende — disse Valto. Não como agressão. Como observação. — Mas tudo bem.

O doutor deixou o silêncio ficar por um momento.

— Não vim para convencer o senhor de nada — disse.

— Eu sei — disse Valto.

— Vim apresentar—

— Apresentou ontem — disse Valto. — Ouvi tudo.

— E.

Valto torceu o arame no arame velho com o alicate, testou a tensão.

— E nada — disse. — Não é pra mim.

— O senhor nem ouviu o valor—

— Não preciso ouvir o valor.

O Dr. Bresser ficou quieto por um momento genuíno.

— Posso perguntar por quê — disse.

Valto largou o alicate, ficou de pé, encarou o Dr. Bresser pela primeira vez. Havia algo na postura de Valto — não ameaça, não desafio, apenas o peso específico de quem está onde está há muito tempo e sabe disso.

— Porque minha casa é minha casa — disse Valto. — Porque essa cerca divide meu terreno da igreja onde meu avô me levou pra ser batizado quando eu tinha oito dias de vida e onde pretendo ser velado quando morrer. Porque meus filhos cresceram aqui e porque não tem valor que compre isso não porque o valor seja baixo mas porque não é questão de valor.

O Dr. Bresser ouviu tudo com a atenção profissional.

— O senhor entende que o projeto pode acontecer de qualquer forma.

— Entendo.

— E que pode ser mais difícil para o senhor e para a família permanecer aqui quando—

— Pode ser — disse Valto. — Já foi difícil antes. Não é critério.

O Dr. Bresser ficou olhando para ele. Havia algo no rosto do doutor nesse momento que a máscara profissional não cobriu completamente — o reconhecimento involuntário de quem passa o tempo todo negociando com pessoas que têm preço e encontra uma que não tem.

— Vou deixar meu cartão — disse o Dr. Bresser.

— Pode deixar — disse Valto. — Não vou ligar, mas pode deixar.

O doutor colocou o cartão no poste da cerca. Depois:

— O senhor sabe o que está embaixo dessa terra, seu Valto.

— Não sei — disse Valto. — Ninguém sabe completamente.

— A empresa sabe — disse o Dr. Bresser, e havia nessa frase a primeira rachadura da fachada. — E é de uma dimensão que o senhor não imagina.

Valto ficou olhando para ele.

— Acredito — disse. — Não muda nada.

O Dr. Bresser foi embora pela Rua do Meio com o passo de quem vai replanejar, não de quem desistiu.

Valto ficou olhando até o SUV preto dobrar a esquina. Depois pegou o alicate e voltou para a cerca.

Do outro lado do muro, a igreja ficava quieta com seus noventa e poucos anos de cal e pedra e memória, e a nuvem estava sobre o morro com sua luminosidade que agora tinha o azul e o verde e o amarelo fundo, e irisava contra o céu da tarde de um modo que quem chegava a Arrocha pela primeira vez ficava parado na estrada olhando antes de continuar.

E o que estava embaixo da terra ficava embaixo da terra, enorme e quieto e desconhecido, aguardando com a paciência absoluta das coisas que não têm pressa porque o tempo não é delas mas elas são do tempo.

CAPÍTULO VI
O Que a Comunidade Decide

——

A segunda nuvem apareceu numa quarta-feira.

Ninguém havia previsto uma segunda nuvem porque ninguém havia previsto a primeira, mas a segunda era diferente de um modo que levou algumas horas para ser articulado e que quando foi articulado produziu em Arrocha um efeito que a primeira nuvem, com todos os seus meses de presença acumulada, não havia produzido — produziu pânico.

Não o pânico ruidoso dos filmes. O pânico quieto e fundo das coisas que entram pelo corpo antes de entrar pela mente, o pânico que faz os cachorros pararem de latir e os pássaros sumirem e as crianças ficarem quietas sem que ninguém tenha pedido.

A segunda nuvem era menor. Estava a uns trezentos metros da primeira, ligeiramente mais baixa no flanco do morro, e tinha a mesma imobilidade, a mesma luminosidade interna, a mesma indiferença ao vento. Mas havia entre as duas uma diferença que era visível sem ser explicável — a segunda nuvem pulsava em ritmo diferente da primeira. Como dois corações que batem no mesmo peito mas em tempos que não são exatamente o mesmo tempo.

O Professor Delmiro foi o primeiro a chegar ao campo com os equipamentos. Estava descalço porque havia saído correndo da pensão da dona Fia sem calçar os sapatos, e esse detalhe — o professor descalço na terra vermelha com os aparelhos bipando nas duas mãos — foi fotografado e tornou-se, nos dias seguintes, uma das imagens mais compartilhadas dos acontecimentos de Arrocha.

* * *

Arrocha acordou para a segunda nuvem e não voltou a ser o que havia sido antes dela.

O acampamento dobrou em uma semana. O campo do velho Tertúlio havia transbordado. Havia agora, segundo a contagem informal que o vereador Osmar havia tentado fazer, aproximadamente oitocentas pessoas no acampamento — uma cidade paralela que havia brotado do cerrado em menos de dois meses.

Kadu Paranhos havia montado um estúdio improvisado dentro do acampamento. Transmitia ao vivo doze horas por dia. Havia deixado de fazer perguntas. Havia passado a fazer afirmações cobertas de qualificação que funcionavam como afirmações.

* * *

Foi nessa semana que o nome de Valto começou a mudar de natureza nas conversas de Arrocha.

Havia mudado gradualmente. No começo era curiosidade — o Valto que não acredita em nada. Depois virou excentricidade — o Valto que é cabeça-dura. Depois virou suspeita.

A suspeita tinha várias origens. A primeira: Valto era o único que não aderia a nenhuma explicação, e quem não adere a nenhuma explicação, num momento em que todos precisam de explicação, parece estar protegendo alguma coisa. A segunda: Valto havia recusado a proposta da empresa. A terceira, a mais obscura: havia uma lógica que dizia que enquanto o terreno central não fosse liberado o fenômeno não se resolvia.

Ninguém disse isso diretamente. Ninguém precisou.

* * *

Deca, o filho mais velho, foi o primeiro da família a sentir.

Chegou em casa numa quinta-feira com o rosto de quem engoliu alguma coisa que ainda está descendo. Encontrou Valto na oficina dos fundos.

— O Biu falou uma coisa — disse para Valto.

— O que falou.

— Que tem gente achando que você sabe de alguma coisa sobre a nuvem. Que você não fala porque — ele parou.

— Porque o quê.

— Porque você tem acordo com a empresa.

Valto não parou o que estava fazendo.

— E você acha que tenho — disse.

— Não — disse Deca, com a velocidade e a firmeza de quem já havia pensado nisso antes de chegar. — Mas as pessoas acham. E hoje na saída do turno o Porco disse que você estava vendendo Arrocha. Que enquanto você não vendesse a terra a empresa não fechava o acordo.

— E os outros concordaram com o Porco.

— Ficaram quietos — disse Deca. — Que é pior.

Valto ficou quieto por um tempo. Depois virou para o filho.

— Deca. O que eu faço com minha terra é minha decisão. O que as pessoas acham do que eu faço é problema delas. Essas são duas coisas separadas e é importante saber separá-las.

— Mas se eles—

— Se eles o quê — disse Valto, não com dureza, com atenção. — O que eles podem fazer.

Deca ficou quieto.

— Nada que mude o que é certo — disse Valto. — Podem fazer barulho. Barulho não muda o que é certo.

* * *

O Pastor Renato Fogo fez um culto na semana seguinte que foi diferente dos outros.

No meio do culto, depois da terceira música, havia feito uma pausa diferente das pausas dramáticas habituais — havia ficado quieto no púlpito com uma expressão mais pesada do que o habitual.

— Irmãos — disse. — Há entre nós um impedimento.

A plateia ficou quieta.

— Há uma bênção sendo derramada sobre Arrocha. Uma bênção visível, mensurável. E há um homem entre nós que está bloqueando essa bênção.

O silêncio ficou mais fundo.

— Não por maldade — disse o pastor, e havia nesse não por maldade uma crueldade específica. — Por teimosia. Por orgulho. Por uma dureza de coração que impede que a graça flua para toda a comunidade.

Ninguém disse o nome. Ninguém precisou.

* * *

Marlene mostrou a Valto os renders do parque numa noite de sexta. Havia uma imagem onde a sua casa não estava — no lugar dela havia um jardim de contemplação com bancos de pedra. A fachada da igreja havia sido restaurada e pintada de um branco que ela nunca havia sido.

— Já colocaram a sua casa fora — disse Marlene. Não com acusação. Com cansaço.

— Já — disse Valto.

— Valto. Eu preciso te dizer uma coisa. Eu entendo o que você pensa. Que eu sei que você não é cabeça-dura. Mas eu tenho medo. Não do que está no morro. Tenho medo do que está aqui em Arrocha. Do que as pessoas estão—

— Falando.

— Mais do que falando. Valto, a Durvalina hoje não me cumprimentou na fila do mercado. Vinte anos de vizinhança e não me cumprimentou. O Jonas chegou da escola com o lábio cortado.

Valto ficou muito quieto.

— Como cortado.

— Disse que caiu. Mas o jeito que disse que caiu—

Valto levantou da cadeira antes que ela terminasse a frase. Marlene pôs a mão no braço dele.

— Ele não quer que você saiba — disse. — Ele disse que não quer que você faça nada.

Valto ficou de pé com a mão de Marlene no braço. Depois sentou de volta.

— Valto — disse Marlene. — E se você vendesse.

O silêncio que se seguiu era diferente de todos os silêncios anteriores entre eles.

— Não vendo — disse Valto.

— Eu sei que não vende. Só estou—

— Não vendo, Marlene.

Ela ficou quieta. Depois disse, muito baixinho:

— Então precisamos de Deus.

— Sempre precisamos — disse Valto.

* * *

A interdição chegou numa segunda-feira de manhã.

Um documento oficial, com carimbo da prefeitura do distrito e assinatura do vereador Osmar e de um engenheiro de segurança que ninguém em Arrocha havia visto antes, afixado no portão de ferro da mina às seis da manhã.

Interdição Temporária por Risco Estrutural — Galeria Um — Prazo de Avaliação: Indeterminado.

Os homens chegaram e ficaram no pátio olhando para o papel com a expressão de quem lê uma língua que conhece mas cujo significado recusa-se a processar.

Hélio, o representante do sindicato, foi chamado.

— A interdição é tecnicamente fundamentada — disse, para os homens reunidos no pátio. — Há um laudo de um engenheiro que aponta instabilidade no setor central da Galeria Um.

— Há instabilidade há dez anos — disse Sandro. — Sempre houve.

— Eu sei — disse Hélio. — Mas nunca foi laudada. Agora foi.

— Quem pediu o laudo — disse Valto.

Hélio ficou quieto por um segundo que era resposta suficiente.

— A empresa — disse Valto. Não como pergunta.

— O laudo é da prefeitura — disse Hélio, com o cuidado de quem escolhe a precisão técnica.

— Pedido por quem — disse Valto.

Hélio ficou quieto de novo.

— Tudo bem — disse Valto. — Já sei.

* * *

Naquela semana a pressão em torno de Valto assumiu formas que não tinham mais a forma discreta das semanas anteriores.

Havia pixações no muro da rua — não na parede da casa, não ainda, mas no muro da rua: VENDE ARROCHA. EMPECILHO.

Marlene havia parado de ir ao mercado todos os dias. A Pequena havia perguntado para a mãe por que a professora havia mudado sua cadeira para o fundo da sala.

O padre Eustáquio foi à casa de Valto com a urgência contida de quem vem dizer algo que não consegue mais não dizer.

— Valto. A situação está ficando—

— Séria — disse Valto.

— Perigosa — disse o padre. — Ouvi coisas esta semana que não quero repetir mas que preciso que você saiba que existem.

— Ouço.

O padre empurrou os óculos.

— Há pessoas que acham que os adoecimentos, os acontecimentos todos, estão de alguma forma ligados à sua recusa. Que há uma relação entre a sua resistência e o que está acontecendo. Como se enquanto o terreno central não fosse liberado o fenômeno não se resolvesse.

— Padre. O senhor acredita nisso.

O padre abriu a boca. Fechou. Empurrou os óculos.

— Não — disse. — Não acredito.

— Mas veio me avisar do mesmo jeito.

— Vim porque me preocupo com o senhor — disse o padre. — E porque acho que você precisa saber o que circula.

Valto assentiu.

— Obrigado, padre — disse. — O senhor é homem bom.

O padre ficou quieto por um momento.

— Você tem medo.

— Tenho — disse Valto.

— De quê especificamente agora.

Valto ficou quieto por um tempo longo. Do outro lado do muro da oficina, o muro da igreja deixava passar o silêncio das pedras antigas.

— Tenho medo de não ser forte o suficiente — disse Valto. — Não pelos outros. Pelos meus.

O padre ficou olhando para ele.

— Deus provê — disse, com a voz do padre mas também com a voz de homem que diz isso porque é a verdade mais funda que tem.

— Eu sei — disse Valto. — Só peço que seja antes de precisar demais.

* * *

Cito procurou Valto certa manhã no pátio da mina interditada, com o desconforto de quem traz uma notícia que preferia não trazer.

— Valto. Se eu precisar entrar na mina. Só para pegar umas coisas que ficaram lá dentro. Você pode abrir o portão.

Cito ficou olhando para ele.

— A galeria está interditada.

— Eu sei.

— Valto—

— Só perguntei se você pode — disse Valto. — Não estou dizendo que vou. Só pergunto.

Cito ficou quieto por um longo momento. Depois:

— Posso — disse. — Se você me disser quando.

Valto assentiu. Não disse mais nada.

E a manhã continuou com o sol e o pó e as duas nuvens sobre o morro pulsando em ritmos que naquele dia pareciam mais próximos do que nunca, como duas respirações que estão aprendendo a respirar juntas, ou como uma coisa só que estava aprendendo a ser duas.

E Valto foi para casa pela Rua do Meio com o passo de sempre.

E o cerco estava fechado mas ainda não completamente fechado, ainda havia uma fresta, ainda havia o domingo que viria, ainda havia a madrugada antes do domingo, ainda havia a larmeira do pai pendurada num gancho dentro da Galeria Um interditada, e o alicate velho que havia sido do avô, e a pedra azul-acinzentada que brilhava com aquele brilho úmido e fundo que parecia vir de dentro e não de fora.

E o que estava dentro da terra ficava dentro da terra.

E Valto sabia que ia descer.

Não sabia ainda o que encontraria.

Mas sabia que ia descer.

CAPÍTULO VII
A Boca Fecha

——

O domingo chegou sem anunciar-se diferente dos outros domingos.

Esse era o tipo de coisa que Valto notaria depois — não depois no tempo, porque não haveria depois no tempo, mas no intervalo entre o que acontece e o que se entende, que às vezes é mais longo do que a vida e às vezes cabe num segundo. O domingo havia chegado com o galo do Miro, com o cheiro de café que Marlene fazia antes de qualquer outra coisa, com a luz entrando pela fresta da janela em faixa diagonal que cortava o chão do quarto e que Valto havia visto entrar assim durante vinte anos de casado.

Naquele domingo notou.

Ficou deitado olhando para a faixa de luz no chão por um tempo que não controlou. Havia qualquer coisa naquela luz — não sobrenatural, não extraordinária, apenas luz de manhã de domingo entrando por fresta de janela — que o segurou na cama mais do que o habitual, como se o corpo soubesse de algum modo que havia sentidos que precisavam ser usados enquanto havia.

Marlene estava na cozinha. Ele ouvia os passos dela, o estalo do fogão, a colher na panela. Ouvia a Pequena que havia acordado cedo e estava no quintal falando com o gato que aparecia às vezes e que não era deles mas que comia como se fosse. Ouvia Deca dormindo ainda, a respiração pesada do sono de dezesseis anos.

Valto ficou ouvindo tudo por um tempo.

Depois levantou.

* * *

Não disse a Marlene que ia à mina.

Disse que ia dar uma volta antes da missa. Que precisava de ar. Marlene estava de costas para ele na cozinha e assentiu sem virar, e Valto ficou olhando para as costas dela por um segundo — as costas que conhecia de cor, a curva dos ombros, o cabelo preso de qualquer jeito como prendia sempre de manhã — e foi embora.

Passou pelo portão. Virou à esquerda em vez de à direita, que era o caminho para a missa, tomou a Rua que Desce e depois o caminho de terra que levava ao pátio

da mina, o caminho que havia percorrido tantas vezes que os pés o sabiam de memória.

Arrocha estava quieta. Era cedo ainda, seis e pouco, e o domingo tinha em Arrocha um silêncio específico que os outros dias não tinham. As barracas do acampamento estavam fechadas, os geradores desligados. Até as câmeras dormiam.

O Morro do Osso estava na sua posição de sempre mas havia nele naquela manhã uma qualidade diferente — uma presença aumentada, como quando uma pessoa que você conhece entra num cômodo antes de você vê-la, e você sabe que está lá pelo modo como o ar muda.

As duas nuvens estavam sobre o pico. Estavam mais próximas ainda do que na véspera. As bordas das duas se interpenetrando numa região central onde o azul de uma e o azul da outra criavam um azul terceiro que não era mistura mas sobreposição, mais fundo e mais frio do que qualquer azul que cada uma produzia sozinha.

Valto olhou para elas por um momento.

Depois continuou andando.

* * *

Cito estava no portão como havia dito que estaria.

Estava encostado na grade de ferro com as mãos nos bolsos e a expressão de quem passou a noite decidindo se estaria ou não. Não disseram nada. Cito tirou a chave do bolso — uma cópia que havia feito anos atrás — e abriu o cadeado. Abriu o portão o suficiente para um homem passar.

Valto entrou.

— Valto — disse Cito.

Valto parou sem virar.

— Rápido — disse Cito.

— Rápido — confirmou Valto.

E foi.

Cito ficou do lado de fora com o portão entreaberto, olhando as costas de Valto se afastando pelo pátio de terra batida na direção da entrada da Galeria Um. Havia em Cito naquele momento um desconforto que não era pressentimento — Cito

não era homem de pressentimentos — mas que era alguma coisa que o desconforto ocupa quando não tem nome próprio.

* * *

A entrada da Galeria Um estava fechada por uma grade nova com um cadeado maior. Mas a grade não cobria completamente a abertura — havia uma fresta de uns quarenta centímetros do lado esquerdo onde a grade não alcançava o batente.

Valto era largo. A fresta de quarenta centímetros era menos do que ele precisava.

Ficou olhando para a fresta por um momento. Tirou o colete, tirou a camisa que estava por cima da camiseta. Passou os dois pela fresta primeiro. Depois passou a lanterna. Depois passou ele mesmo, de lado, expirando, com o metal da grade marcando a costela esquerda de um jeito que ficaria roxo se houvesse tempo para ficar roxo.

Passou.

Ficou do outro lado na penumbra da entrada, vestiu a camisa e o colete, acendeu a lanterna.

A Galeria Um recebia-o com o silêncio que os espaços fechados produzem quando ficam sem gente por tempo suficiente — não silêncio de ausência mas silêncio de acumulação. As paredes de pedra azul-acinzentada estavam lá com o brilho úmido de sempre. O cheiro de sempre estava lá, e havia também, fraco, muito fraco, o outro cheiro. O adocicado.

Valto ficou parado na entrada por um momento, respirando.

Depois começou a descer.

* * *

A descida na Galeria Um era em espiral, quarenta metros de rampa que girava no sentido horário, com suportes de madeira envelhecida a cada três metros. A lanterna fazia um cone de luz branca que a pedra azul-acinzentada ao redor fragmentava em reflexos angulosos que tinham a qualidade do intencional mesmo quando eram apenas física.

Valto descia com o passo de quem conhece cada metro do caminho. Havia uma marca de giz no suporte do décimo oitavo nível, feita por ele mesmo anos atrás. Passou pelo suporte com a mão na madeira por um segundo, um toque de reconhecimento, e continuou.

No vigésimo quinto nível o cheiro mudou.

Não aumentou de intensidade — continuou fraco — mas mudou de qualidade, como quando uma música que estava tocando ao fundo muda de instrumento sem mudar de volume. Havia algo diferente no cheiro agora, uma nota mais funda e mais mineral.

Valto parou.

Ficou parado no vigésimo quinto nível com a lanterna na mão e o cheiro na narina e o silêncio da pedra ao redor.

Respirou.

Depois continuou.

* * *

A larmeira do pai estava onde havia deixado — pendurada no suporte do trigésimo segundo nível, onde havia um gancho de ferro instalado anos atrás por razão que ninguém mais lembrava. A larmeira era velha, o couro da alça gasto em dois pontos específicos onde a mão do pai havia gasto e onde a mão de Valto havia continuado a gastar, de modo que o gasto no couro era a forma acumulada de duas mãos que não eram a mesma mão mas eram da mesma família.

Valto a pegou. Passou a alça no ombro.

O alicate estava mais abaixo, no trigésimo sétimo nível, numa bancada de madeira instalada para apoio de ferramentas. Havia deixado lá numa sexta-feira, três semanas antes, com a intenção de buscar na segunda, e a segunda havia sido o dia da interdição.

Desceu mais cinco níveis.

O alicate estava em cima da bancada onde havia deixado, com a ferrugem de uso, a cor específica do metal que foi usado por mãos humanas por tempo suficiente.

Valto pegou o alicate.

Ficou com os dois — a larmeira no ombro e o alicate na mão — olhando para a bancada de madeira.

Estava na hora de subir.

Foi quando a luz apagou.

* * *

Não a lanterna — a lanterna ficou acesa. Foi outra coisa que apagou, ou que acendeu, que de certa perspectiva é o mesmo — uma luz azul que apareceu na parede à sua frente, a uns três metros de distância, a altura de peito, no ponto exato onde a pedra havia sido exposta pela última rodada de perfuração antes da interdição.

Valto ficou parado.

Era a luz que Biu havia visto. Era exatamente como Biu havia descrito nas primeiras versões, antes das versões crescerem — azul de um azul que não era cor mas temperatura, frio de um frio que não era falta de calor mas presença de outra coisa, pulsando com uma regularidade que não era mecânica nem biológica mas que tinha as qualidades das duas sem ser nenhuma.

Valto ficou parado olhando para ela.

Não tinha medo. Isso era o que primeiro notou — não tinha medo, e a ausência de medo era ela mesma estranha, porque havia medo em tudo que havia sentido nas últimas semanas, medo honesto, e agora diante da coisa em si o medo havia saído como sai a tensão de um músculo que finalmente relaxa porque o esforço terminou.

A luz pulsou.

O cheiro adocicado veio mais forte, uma onda, e depois recuou, e depois veio de novo, e havia no ritmo dessa pulsação — cheiro e luz alternando — algo que o corpo de Valto reconhecia sem que a mente tivesse categoria para o reconhecimento, como reconhece o ritmo cardíaco de alguém que dorme ao lado por vinte anos.

Valto deu um passo em direção à luz.

Depois outro.

Ficou a um metro da parede, a luz pulsando no nível do peito, e havia entre ele e a luz uma distância que era física e que era outra coisa também — a distância entre o que se sabe e o que está prestes a ser sabido.

E então Valto entendeu.

Não com palavras. Não com imagem. Com o tipo de entendimento que o corpo inteiro faz quando todas as partes chegam ao mesmo lugar ao mesmo tempo — o entendimento que não é conclusão de raciocínio mas reconhecimento de verdade.

Entendeu o que a nuvem era.

Entendeu o que o pó vermelho era.

Entendeu o que Arrocha era, o que havia sido, o que seria se o que estava sendo impedido não fosse impedido.

E com o entendimento veio uma calma que não era resignação nem paz exatamente mas que era a calma que vem do contato com a verdade inteira, que não depende de ter lido nada, depende apenas de ter vivido honestamente o suficiente para que a verdade encontre o lugar que preparou para ela.

Valto abriu a mão.

O alicate do avô caiu no chão de terra compactada da Galeria Um com um som metálico que a pedra ao redor multiplicou e depois absorveu.

Ficou com a larmeira do pai no ombro e as mãos abertas e a luz azul pulsando na parede à frente e o cheiro adocicado que agora não era errado, que agora era simplesmente o cheiro daquele lugar, o cheiro do que estava lá, o cheiro que a terra produz quando respira.

E depois o teto cedeu.

* * *

Não cedeu todo. Não foi colapso — foi o ponto fraco que o laudo havia identificado, o ponto onde a vibração acumulada dos meses dos fenômenos havia feito o que a vibração faz no material que já estava no limite.

Foi um trecho de dois metros de teto. Dois metros de pedra azul-acinzentada.

Veio com o som que a pedra faz quando se parte, um som que não tem nome porque as pessoas que ouvem de perto não ficam para dar nome. Um som que é ao mesmo tempo o som mais antigo e o som mais final.

Valto não correu.

E no instante — no instante exato, no intervalo entre a pedra caindo e a pedra chegando — Valto viu a luz azul na parede pulsar uma última vez com uma intensidade que não havia tido antes, um pulso único e completo, como a nota final de uma música que foi longa e que termina no único acorde que sempre foi o acorde certo.

Depois a pedra.

Depois o silêncio.

A larmeira do pai ficou soterrada junto.

O alicate do avô ficou soterrado junto.

A luz azul ficou na parede por um tempo que ninguém mediu porque não havia ninguém para medir.

Depois apagou.

* * *

Cito esperou quarenta minutos antes de entrar.

Entrou porque Valto havia dito rápido e quarenta minutos não eram rápido. Chegou ao trigésimo segundo nível e viu o desabamento.

Ficou parado olhando para a pedra que havia onde havia o caminho, a pedra nova e fraturada ainda com a poeira de si mesma no ar, a poeira azul-acinzentada que pousava lentamente como pousa tudo que sobe antes de cair.

Ficou parado por um tempo que não contou.

Depois subiu.

Na rua, parou.

O Morro do Osso estava lá. As duas nuvens estavam lá.

E enquanto Cito ficou parado olhando para elas, as duas nuvens se moveram.

Pela primeira vez desde que haviam aparecido, se moveram.

Não se afastaram — se aproximaram. A distância entre elas percorreu os últimos metros em questão de minutos, as bordas se tocando, o azul de uma e o azul da outra fundindo-se num único azul que era mais fundo e mais frio e mais completo do que qualquer um dos dois havia sido sozinho.

E depois eram uma.

Uma nuvem só, maior do que cada uma separada mas menor do que as duas juntas, compacta e luminosa e absolutamente imóvel sobre o pico do Morro do Osso.

Cito ficou olhando para ela por um longo tempo.

Depois foi chamar Marlene.

* * *

Marlene soube antes de Cito dizer.

Soube pela forma como ele chegou ao portão — com a delicadeza específica de quem está carregando uma notícia pesada e teme que qualquer brusquidão a deixe cair antes de estar pronta para ser depositada.

A Pequena estava no quintal com o gato. Não virou.

Marlene fechou os olhos por um segundo.

Quando abriu, Cito estava na sua frente com o chapéu na mão e o rosto de homem que perdeu o que não se repõe.

— Marlene — disse ele.

— Eu sei — disse ela.

Do quintal a Pequena disse, para o gato ou para si mesma ou para o ar:

— A nuvem virou uma só.

Marlene e Cito viraram ao mesmo tempo.

A Pequena estava de pé no quintal, os olhos grandes e quietos apontados para o morro.

— Pai viu — disse a Pequena. Não como pergunta. Como afirmação. — Pai viu e foi embora.

Marlene ficou olhando para a filha.

Depois olhou para o morro.

A nuvem única estava lá, luminosa e compacta e imóvel, e o azul dela no céu de domingo era o azul mais fundo que havia estado sobre Arrocha desde o começo de tudo.

Marlene encostou a mão no batente da porta.

— Pai viu — repetiu, para si mesma, muito baixinho.

O sino da igreja tocou.

Era hora da missa.

E o pó vermelho pousava em tudo como sempre pousara, e a terra ficava quieta como fica depois que faz o que tem a fazer, e Arrocha respirava no domingo com o silêncio de lugar que ainda não sabe o que perdeu mas que o corpo já sente.

CAPÍTULO VIII

O Relatório

——

I.

A sala de reuniões ficava no quadragésimo terceiro andar.

Não havia janelas que abrissem — o tipo de janela que existe naquelas alturas não abre, é vidro temperado do chão ao teto que transforma a cidade lá embaixo numa abstração. A mesa era de carvalho escuro, comprida, com doze cadeiras de couro que custavam mais do que qualquer casa de Arrocha havia custado em qualquer momento de sua existência. Havia uma jarra de água com rodelas de limão. Havia um sistema de videoconferência embutido na parede que mostrava, em três telas simultâneas, rostos de homens em outras salas em outras cidades em outros países.

O Dr. Antônio Bresser estava sentado à direita do centro da mesa, com a pasta fina de couro fechada na sua frente, as mãos sobre a pasta, a expressão de sempre. À cabeceira da mesa sentava o homem que presidia a reunião. Chamava-se Renner — apenas Renner — e tinha sessenta anos precisos, cabelo branco, uma qualidade de imobilidade que não era calma mas controle absoluto da expressão.

— O relatório final — disse Renner, para a mesa e para as três telas.

Um assistente que estava de pé perto da parede tocou num tablet e a tela principal mostrou um documento.

PROJETO OSSIUM — RELATÓRIO DE EXECUÇÃO E RESULTADOS

Classificação: Restrito — Nível Diamante

O assistente começou a ler. Tinha a voz de quem lê documentos em reuniões — plana, precisa, sem inflexão que pudesse ser interpretada como julgamento.

Fase 1 — Preparação do terreno informacional.

Nos dezoito meses anteriores ao início da Fase 2, a equipe de operações conduziu levantamento geológico completo da região denominada Arrocha e adjacências. Os resultados confirmaram a presença de depósito de cobalto de alta pureza estimado em volume suficiente para abastecimento de 34% da demanda nacional por um período mínimo de oitenta anos, com compostos secundários de lítio e manganês em concentrações comercialmente viáveis.

A avaliação sociológica da comunidade indicou população de baixa renda, baixa escolaridade, alta dependência econômica da mina já operada pela subsidiária regional, e coesão comunitária suficientemente frágil para ser perturbada por pressão econômica e informacional de intensidade moderada.

Recomendação da equipe de operações: conduzir campanha de desestabilização em três fases.

Renner levantou a mão. O assistente parou.

— Vá direto à Fase 2 — disse Renner.

Fase 2 — Operação de desestabilização.

A operação previa a introdução de agentes químicos no sistema de ventilação da Galeria Um em concentrações calculadas para produzir sintomas neurológicos difusos — tremores, alucinações visuais, distúrbios de sono, desorientação episódica — sem atingir limites de toxicidade aguda.

Status da Fase 2: NÃO EXECUTADA.

O assistente parou.

Havia um silêncio na sala que era diferente de todos os silêncios anteriores daquela reunião.

Renner ficou absolutamente imóvel.

— Repita — disse.

Status da Fase 2: Não executada. A equipe responsável pela implementação suspendeu a operação química na data prevista de

> início ao constatar o que interpretou como evidência de que a operação já havia sido iniciada por canal paralelo não comunicado. Os sintomas observados na população trabalhadora correspondiam com precisão ao protocolo previsto, levando a equipe a concluir que outra divisão da corporação havia antecipado a execução sem coordenação formal. A suspensão foi reportada internamente e aguardava confirmação de qual divisão havia conduzido a operação antes de prosseguir.
>
> **A confirmação nunca chegou porque nenhuma divisão havia conduzido a operação.**

O silêncio ficou mais fundo.

Um dos rostos nas telas disse algo em inglês baixo demais para ser captado pelo microfone.

— Continue — disse Renner.

> A investigação interna conduzida após os eventos revelou o seguinte: nenhuma equipe da corporação introduziu agentes químicos na Galeria Um. Nenhuma equipe da corporação instalou dispositivos de geração de campo eletromagnético na região. Nenhuma equipe da corporação foi responsável pelos fenômenos de luminescência reportados. Nenhuma equipe da corporação foi responsável pela formação de nuvem localizada sobre o Morro do Osso ou por seu comportamento subsequente.
>
> **A corporação não produziu os fenômenos de Arrocha.**
>
> **A corporação se beneficiou dos fenômenos de Arrocha.**
>
> **São coisas diferentes.**

Renner ficou olhando para a tela com a expressão que havia levado décadas para construir e que naquele momento mostrava, pela primeira vez, uma fratura. Pequena, quase imperceptível, mas presente.

— Os fenômenos — disse Renner, devagar. — A análise laboratorial das amostras do depósito.

O assistente folheou o tablet.

Análise laboratorial das amostras coletadas da formação rochosa central do Morro do Osso identificou compostos de cobalto em concentração e configuração molecular sem precedente na literatura geológica disponível. A luminescência azul observada tanto no interior da galeria quanto na superfície rochosa é atribuível a uma forma de bioluminescência mineral — termo provisório, sem categoria estabelecida — produzida pela interação entre os compostos de cobalto e uma estrutura orgânica microbiana de origem desconhecida presente nas fissuras da formação. Esta interação produz, sob certas condições de pressão e temperatura, emissão de luz visível no espectro azul e liberação de compostos voláteis orgânicos cuja estrutura química é consistente com os efeitos neurológicos observados na população exposta.

Em síntese: a formação rochosa do Morro do Osso é, ela mesma, o agente. A mina estava produzindo os fenômenos antes de qualquer intervenção externa. A corporação não causou o que aconteceu em Arrocha.

A corporação apenas esperou.

O Dr. Bresser, que havia ficado absolutamente imóvel durante toda a leitura, colocou as duas mãos sobre a pasta de couro com uma pressão que estava nos nós dos dedos, nos tendões do pulso.

Um dos homens nas telas disse, em português com sotaque de lugar rico:

— Então o que matou o mineiro.

O assistente encontrou a página.

O trabalhador faleceu em consequência de desabamento parcial da Galeria Um. A análise estrutural post-mortem da galeria confirmou instabilidade preexistente no setor afetado, consistente com o laudo técnico solicitado pela subsidiária regional. O trabalhador entrou na galeria interditada sem autorização. O desabamento foi causado por instabilidade estrutural acumulada. A instabilidade estrutural havia

sido agravada pelas vibrações subsônicas produzidas pela própria formação rochosa ao longo dos meses anteriores.

A formação rochosa produziu as vibrações.

As vibrações fragilizaram a estrutura.

A estrutura cedeu.

A corporação interditou a galeria com base no laudo real.

O trabalhador entrou do mesmo jeito.

São fatos.

Silêncio.

Renner ficou olhando para a tela por um tempo longo. Depois olhou para o Dr. Bresser.

— A propriedade central — disse.

— Adquirida — disse o Dr. Bresser. — Pela viúva. Três semanas após o falecimento. Pelo valor que havíamos proposto ao titular.

— Ela sabia.

— Sabia o quê.

— O que o relatório diz.

— O relatório é classificado nível diamante — disse o Dr. Bresser. — Ninguém em Arrocha leu o relatório.

Renner assentiu. Uma vez, lento.

— E os fenômenos atuais.

Os fenômenos continuam. A nuvem unificada permanece sobre o Morro do Osso com comportamento estável. A equipe científica designada para o Centro de Pesquisa do complexo Cobalto — Parque da Nuvem Viva estima que os fenômenos persistirão por período indeterminado.

Recomendação: manter classificação dos resultados da investigação interna. Os fenômenos de Arrocha são mais valiosos sem explicação do que com ela.

Renner ficou olhando para essa última linha por um tempo.

Depois disse, para a sala e para as três telas:

— Alguma questão.

Ninguém disse nada.

— Reunião encerrada.

II.

Doze anos depois.

A cidade que havia sido Arrocha não se chamava mais Arrocha.

Chamava-se Ossium — o nome havia sido proposto pela equipe de branding da corporação com a referência ao latim que os moradores originais não identificariam — e tinha quarenta e dois mil habitantes e três shopping centers e um aeroporto regional e um hospital de referência e escolas particulares e um centro de convenções que recebia congressos científicos sobre os fenômenos da Nuvem Viva transmitidos ao vivo para trinta países.

O Morro do Osso continuava lá. A nuvem continuava lá — única, compacta, luminosa, irredutível a qualquer explicação que os congressos científicos haviam produzido em doze anos de tentativas, e essa irredutibilidade era, como o relatório havia previsto, o maior ativo de Ossium.

Havia uma estátua no centro da cidade nova, na praça principal que havia sido construída onde havia sido o cruzamento das três ruas. A estátua era abstrata — uma forma em bronze que se erguia em espiral e que o artista havia chamado de Ascensão, e que os turistas fotografavam sem saber ao certo o que representava mas que fotografavam do mesmo jeito porque estava lá e era alta.

Nenhuma placa mencionava Arrocha.

Nenhuma placa mencionava os mineiros.

Nenhuma placa mencionava o homem que havia entrado numa galeria interditada num domingo de manhã para buscar a larmeira do pai e o alicate do avô.

A igreja havia sido restaurada como o render havia prometido — paredes brancas, com iluminação cênica noturna que a tornava fotogênica de um modo que a tornava irreconhecível para qualquer um que a houvesse conhecido antes, se houvesse qualquer um que a houvesse conhecido antes e que ainda estivesse ali, que não havia.

Marlene havia ido para a cidade da filha mais nova, levando a Pequena e o que cabia num caminhão de mudança pequeno. Cito havia morrido dois anos depois de Valto, de uma coisa no pulmão que o médico havia chamado pelo nome técnico — consistente com exposição prolongada a particulado mineral de alta concentração — que era uma forma técnica de dizer o que todos sabiam mas que tecnicamente não implicava responsabilidade de ninguém.

Kadu Paranhos havia feito uma série documental em seis episódios sobre Arrocha para uma plataforma de streaming que havia sido vista por dezoito milhões de pessoas em quarenta e dois países e que havia ganho um prêmio numa cerimônia onde Kadu havia subido ao palco com um terno novo e mencionado Valto pelo nome no discurso, brevemente, como o homem que não quis falar para o podcast, o que havia arrancado risos da plateia que não sabiam o suficiente para não rir.

III.

E então o flashback.
Não de fora. De dentro.

É o instante antes da pedra. É o instante que não tem duração mensurável mas que o corpo experimenta como longo porque o corpo naquele instante está fazendo em velocidade incompreensível tudo que sempre fez devagar.

Valto está de pé na Galeria Um com a larmeira do pai no ombro e as mãos abertas e a luz azul na parede à frente.

E o que entende é isto:

A nuvem não foi a empresa. A nuvem não foi o professor. A nuvem não foi o pastor. Não foi os aliens nem os espíritos nem a manifestação dimensional nem a guerra espiritual nem o campo eletromagnético anômalo nem nenhuma das

histórias que o desespero humano de nomear o inominável havia produzido naquelas semanas e meses sobre Arrocha — como produz sempre, como produz em toda parte, como produziu desde que o primeiro homem olhou para o primeiro céu sem entender e precisou de história para suportar o não entender.

A nuvem era a terra respirando.

A nuvem era o cobalto azul que havia estado lá desde antes de qualquer nome para qualquer coisa, que havia estado lá quando o morro não tinha nome, que havia estado lá quando o avô do avô de Valto nasceu e quando morreu e quando a terra o recebeu de volta, que havia estado lá quando a empresa chegou com suas placas e seus folhetos que ninguém sabia ler direito e começou a furar.

A nuvem era a resposta da terra à pergunta que ninguém havia feito honestamente.

Valto havia feito.

Não com palavras — nunca havia tido as palavras. Com o silêncio. Com o não-nomear. Com o não sei que havia dito tantas vezes que havia se tornado o único espaço honesto em Arrocha, e o espaço honesto é o único espaço onde a verdade cabe porque a verdade não tem forma que caiba em espaços já ocupados por histórias.

Valto era o instrumento.

Não escolhido por capacidade — escolhido por vazio. Pelo vazio honesto que havia mantido onde outros haviam enchido. Pelo não-sei que havia custado o filho apanhando na escola e a vizinha não cumprimentando e o nome pixado no muro e a galeria interditada e a vida que havia vivido em Arrocha ficando menor e mais sitiada a cada semana.

E o que a luz transmitia — o que Valto recebia no instante antes da pedra, no instante que não tem duração mas que contém tudo — não eram palavras e não eram imagens mas era compreensão no sentido mais antigo da palavra: que a terra é viva de um modo que os homens não têm categoria para entender ainda. Que o cobalto que alimenta as baterias que alimentam os telefones que alimentam as histórias que os homens contam sobre o cobalto é a mesma substância que a terra usa para respirar, e que extrair cobalto sem entender isso é como extrair o coração sem entender que o coração bate.

Que Arrocha havia sido posta ali — não por acidente, não por acidente — num ponto de concentração de algo que a terra guardava com razão, e que os homens haviam chegado e perfurado e extraído e adoecido e inventado histórias sobre o que os adoecia porque inventar história é o que os homens fazem quando não suportam não saber.

Que um homem havia não inventado.

Que esse homem havia sido, por esse único motivo, o ponto de contato.

E com o entendimento veio a calma.

A calma de Santo Tomás de Aquino na cela de Nápoles, vendo o que viu, dizendo que tudo que havia escrito era palha. Não porque fosse errado — era tudo verdadeiro, tudo construído com honestidade e inteligência e fé. Era palha porque ao lado do que havia visto, a construção mais elaborada da mente humana era palha, não por ser falsa mas por ser pequena, e pequena não era insulto mas medida, a medida honesta do que a mente humana alcança e do que está além.

Valto não havia escrito nada.

Valto havia ficado quieto.

E o quieto havia sido suficiente.

A pedra caiu com o som da terra reclamando o que é da terra, e Valto foi para dentro da terra que havia entendido, e a terra o recebeu como recebe tudo que foi honesto com ela — sem cerimônia, sem monumento, sem palavras.

Com o mesmo silêncio que havia sido a qualidade mais rara e mais preciosa de um homem que havia vivido num tempo que preferia qualquer barulho ao silêncio, qualquer história ao não-saber, qualquer nome ao vazio honesto onde a verdade, eventualmente, se instala.

* * *

A última imagem não é de Ossium.

Não é da sala do quadragésimo terceiro andar.

Não é da estátua de bronze em espiral na praça sem nome.

É a Pequena, sete anos, no quintal, com o gato no colo que havia parado de se mexer, olhando para o Morro do Osso na manhã de domingo com os olhos grandes e quietos que acompanhavam tudo sem comentar.

A nuvem virou uma só.

Pai viu.

Pai viu e foi embora.

E a nuvem estava lá.
Uma só.
Sobre o morro.
Luminosa.
Imóvel.
Sem explicação.
Como sempre havia estado.
Como talvez sempre esteja.

— FIM —

Prompt Engineer: Maike Cabral
2026